KOSERITZ E O NATURALISMO

Guilhermino Cesar

Procurei demonstrar, em outro trabalho,¹ que o Naturalismo surgiu entre nós, no Rio Grande do Sul, sem nenhum atraso com relação às demais províncias. E acrescento agora: pelo menos um autor dessa fase, o pelotense Paulo Marques de Oliveira (1857-1884), constituiu um caso literário nos quadros dessa escola. Seus romances (*Alaísa*, 1880; *Verdadeiros Mistérios do Rio de Janeiro*, 1880; *Vênus e o Dinheiro*, 1881; *A Nora do Banqueiro*), contrariando a passividade ultra-romântica, trouxeram à tona uma sensibilidade vivaz, um espírito destemeroso, e buscaram conscientemente muito mais a fotografia naturalista do que as sutilezas analíticas do Realismo. Zola havia feito muitos discípulos entre os gaúchos. Além daquele ficcionista esbraseado e precoce, muitos outros gravitaram também em torno do autor de *Nana*. Citemos pelo menos êstes: Maria Benedita de Bormann, (com o pseudônimo de Délia), Pedro Osório, Laranja Filho e Francisco de Paula Pires, canhestro historiador do grupo pelotense e autor dos *Quadros Horripilantes* (1883), novelas de uma crueza rara em qualquer literatura.

Seria de todo conveniente aprofundar-se o estudo da vida literária nessa época. De certo, não encontraremos aí grandes autores, nem se trata disso, mas convém captar com mais nitidez a atmosfera peculiar que então se criou, carregada de intenções renovadoras – fermentação utópica generalizada, que muito serviu para dissolver os resquícios coloniais da nossa cultura. Afinal, foi essa atmosfera comum ao país; sem ela, não teria surgido, concomitantemente (1881), no Maranhão, *O Mulato* e no Rio as *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Mas, aqui, teve ela um colorido muito particular, de-

1 - V. *História da Literatura do Rio Grande do Sul*, Porto Alegre, Editora Globo, 1956.

vido em parte à forte contribuição estrangeira e ao inconformismo do espírito anti-monárquico remanescente de 1835. Além do que, o Realismo, como processo cultural, não mereceu ainda as investigações regionais necessárias, sem embargo do interesse que haveria em fazê-las bem minuciosamente, tanto para servir à literatura como à história das idéias.

Dois exemplos nos bastam para demonstrar que o Realismo-Naturalismo, nos quadros regionais, é quase um desconhecido. Os estudos panorâmicos, até agora publicados, com respeito à literatura no Brasil, costumam desprezar muitos aspectos de importância. Quanto a Minas Gerais, apesar da advertência de Eduardo Frieiro, os nomes de Avelino Fóscolo e Augusto Franco, autores que tiveram, enquanto representantes etários, a maior projeção no meio em que viveram, não são sequer mencionados. O segundo exemplo é gaúcho. Um Paulo Marques não figura nem mesmo na cronologia do Realismo; e um Koseritz, que tão fortes repercussões despertou, como defensor do naturalismo filosófico, não figura senão de passagem – quase por favor – em alguns dos mais recentes ensaios sobre o movimento filosófico da segunda metade do século XIX. Contudo, suas ligações com os pensadores alemães e, no Nordeste, com Tobias Barreto e Sílvio Romero, sua prodigiosa atividade de publicista, facilitaram enormemente a difusão das idéias da Escola do Recife no extremo Sul. E não deixa de ser expressivo que Romero em Porto Alegre tenha encontrado, justamente em Koseritz, editor para o seu livro – *A Filosofia no Brasil*.²

Ora, tudo isso nos mostra que tais investigações ainda não se fazem muito a sério, no Brasil, tanto por dificuldades bibliográficas, como por inércia ou comodismo. Quem escreve no Norte ou no Centro ignora o que se publicou no Sul, e vice-versa. E as Universidades (as inúmeras instituições com este rótulo existentes no país) teimam em ignorar um problema fundamental de nossa cultura – o levantamento bibliográfico, em função de bibliotecas regionais ativas.

Mas, continuando, queremos dizer que no Rio Grande, por influência de homens como Carlos von Koseritz, João Damasceno Vieira, Paula Pires, Argimiro Galvão, Germano Hasslocher – e dos que se constelaram, positivistas ou não, em torno de Castilhos e do editor Carlos Pinto, o Realismo encontrou o terreno preparado para expandir-se. Não faltaram, nas maiores cidades rio-grandenses, dois decênios antes do século XX, livros realistas e naturalistas em língua portuguesa. Houve até um editor que mandou traduzi-los e levou-os ao público em formato de bolso. Esse homem de iniciativa foi Carlos Pinto, fundador da *Livraria Americana*. Organizou a firma Carlos Pinto & Cia., transformada mais tarde em Pintos & Cia. A “Biblioteca Econômica”, que tantos volumes fez correr sob a chancela daqueles editores, divulgou, entre outros, Zola, Alphonse Daudet, os irmãos Goncourt, Dostoievski, Turgueneff, Bourget, J.F. Elslander, Sacher-Masoch, Guy de Maupassant, Loti, o indefectível e suburbano Paul de Kock. Guardadas as proporções, foi um movimento editorial intenso. Centrado em Pelotas e Rio Grande (e só mais tarde em Porto Alegre), desenvolveu-se principalmente graças às traduções, que se espalharam, de resto, por todo o Brasil. Projetaram-se aqui, ao lado daqueles nomes estrangeiros, certos autores nacionais que mais atraíam o público pela veemência naturalista – Aluísio Azevedo, Délia (Maria Benedita Câmara de Bormann), Adolfo Caminha, Figueiredo Pimentel. Muitos destes em edições locais. E resta dizer que as empresas jornalísticas concorriam com os livreiros-editores, enfeixando em volume os seus folhetins (porque não se deve esquecer que, à época, o romance-rio, em rodapé, era um dos maiores atrativos da imprensa diária).

Fruto desse ambiente, Carlos von Koseritz, naturalista em literatura como em filosofia, foi por isso mesmo quase rude ao apreciar os *Estudos Críticos* de Taunay.³ É curioso sabermos como reagira inicialmente o autor de *Inocência* em face da maré montante do Realismo. Sua pudicícia, sua delicadeza de tons, seus escrúpulos morais, tão bem expressos nesse romance, não aceitaram nunca o figurino de Zola. Arrepiava-se todo, o Visconde, diante de livros

2 - Folha de rosto: *Apontamentos para a História da Literatura / Brasileira no Século XIX. / A FILOSOFIA NO BRASIL / POR SÍLVIO ROMERO / Ensaio crítico / PORTO ALEGRE / TIPOGRAFIA DA "DEUTSCHE ZEITUNG" / 1878.*

3 - V, principalmente o tomo II, publicado sob o pseudônimo de Sílvio Dinarte. Rio de Janeiro, 1883.

como *Nana* – devido à crueza descritiva, e de *La Terre Promise*, de Bourget, diante do “excesso” de psicologia. Repugnavam-lhe à sensibilidade ambas as cousas: o documentário e a análise, com o que parecia envolver na mesma recusa a visão social de Aluísio e a ruminação psicológica de Machado de Assis.

Por isso ou por aquilo, a verdade é que o Visconde de Taunay atacou de rijo a cidadela naturalista: “Não há dúvida, porém; o *naturalismo*, com as suas cruezas, imoralidades e feição propositalmente [sic] pornográfica, se teve a sua hora de brilho e triunfo, vai perdendo muito terreno e tanto há recuado, nestes últimos cinco anos literários, quanto havia avançado no lustro anterior”.⁴ E mais tarde, como que resumindo a sua repulsa à nova escola, escreve a propósito de um romance de Bourget: “... não será *La Terre Promise* apropriado entretenimento, já pela singeleza e severidade do assunto, já pelo rebuscado do estilo, já enfim pela minúcia analítica, com que é estudado cada sentimento, num luxo enorme de indagações da alma neste ou naquele momento, levadas, não poucas vezes, ao excesso”.⁵ Finalmente, acrescenta: “E aí está o defeito dessa escola *psicológica*, de que Bourget se tornou o mais ilustre representante, escola derivada como a sua irmã, a *naturalista*, de fontes mais ou menos remotas na história da literatura, mas saída, neste século, do copioso manancial, que se chama o gênio de Balzac”.⁶

Carlos von Koseritz, que tanto apreciava o romancista de *Inocência*, não concordou com as suas idéias de crítico. Teve, ainda, a franqueza de o dizer, com tôdas as letras,⁷ numa época em que o Visconde se tornara uma espécie de monstro sagrado – não havia mão que lhe atirasse pedra.

Não seria exato dizer-se que há no estudo que Carlos von Koseritz lhe dedicou uma ampla revisão da obra de Taunay, mesmo

4 - V. autor cit., *Filologia e Crítica*. S. Paulo, Cia. Melhoramentos, 1921, p. 87. Neste como nos *Estudos Críticos*, antes citados, mostra-se Taunay decididamente anti-realista, fazendo eco, tardiamente, à severidade com que Machado de Assis condenara, em 1878, n' *O Primo Basílio*, a “reprodução fotográfica e servil das coisas mínimas e ignóbeis”. V. Machado de Assis, *Crítica Literária*, I. Rio de Janeiro, W. M. Jackson, 1955, p. 156.

5 - *Filologia e Crítica*, cit., p. 96.

6 - *Id.*, *ib.*, p. 96.

7 - V. Carlos von Koseritz, *Alfredo d'Eschagnolle Taunay (Esboço Característico)*. Trad. do alemão por R. [edolfo] P. [au] B. [asil]. Rio de Janeiro, Tip. de Leuzinger & Filhos, 1886, 2.ª ed. - A tradução é precedida de um prólogo, datado de Curitiba, 1886, mas o original fora escrito em 1884 e publicado no *Koseritz's Deutscher Kalender* (1885).

porque, entre nós, no Brasil, só muito mais tarde a crítica literária atingiria um desenvolvimento capaz de individuá-la como gênero autônomo. Apesar disso, não lhe faltou rigor ante as idéias estéticas do Visconde, inclusive deixando de parte o tom louvaminheiro com que se satisfazia então a crítica provinciana. Assim, examinando de um lado o ficcionista, Koseritz sublinha francamente o que lhe parecera demasiado conservador e reacionário na polêmica em que se batera o Visconde “com os meus amigos e confrades de lutas, Tobias Barreto e Sílvio Romero”.⁸ E confessa que, admirando o romancista e historiador, admirava menos o autor dos *Estudos Críticos*, apontando como principal motivo dessa reserva o seguinte: “Francamente, não posso compreender como pessoa tão perspicaz, cabeça tão esclarecida possa desconhecer o objetivo do grande Zola, talvez contra convicção íntima, para prestar homenagem à corrente que domina em certos círculos”.⁹

Isso fôra escrito por Koseritz – note-se bem – em 1884, antes de *O Missionário* (1888) de Inglês de Sousa, antes de *A Carne* (1888), de Júlio Ribeiro, antes do *Bom Crioulo* (1895) de Adolfo Caminha, muito antes do *Luzia-Homem* (1903) de Domingos Olímpio; quer dizer: antes de aparecerem as peças mais fortes do naturalismo tupiniquim.

A defesa, empreendida por Koseritz, do Realismo-Naturalismo não podia, de resto, chocar o ambiente então reinante no Rio Grande do Sul. Não era o seu um ponto de vista isolado, na província mais meridional do Brasil, a essa época dividida entre ultraromânticos e zolaístas. Para o lado destes últimos começava a pender a preferência geral. E o evolucionista de Pôrto Alegre já adquirira – o que é também significativo – bastante autoridade para censurar um dos “grandes” do romance nacional; em tôrno dêle, tanto em Pôrto Alegre como em Pelotas, os autores mais jovens recusavam os sovados clichês alencarianos. Ao Norte, a insurreição chefiada por Aluísio fizera uma devastação. E no Rio, cantando a palinódia, um bicho-de-concha se decidira muito claramente pelo realismo, escrevendo as *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. O alemão pôrto-alegrense estava em boa companhia.

8 - Carlos von Koseritz, *ib.*, p. 16.

9 - *Id.*, *ib.*

Por essa ocasião, Koseritz teria pôsto a circular, clandestinamente, as *Memórias de uma Cantora*, cuja autoria lhe é atribuída, e começou a traduzir as novelas de Sacher-Masoch, até então desconhecidas em língua portuguesa. Ao verter as novelas galicianas desse escritor austríaco, sabia muito bem o perigo que enfrentava; pois Leopold von Sacher-Masoch (1835-1895) era um autor "livre", em plena atividade, e começava já a inquietar a beatitude sentimental da crítica européia, em cujos círculos a palavra "masoquismo" fôra cunhada para qualificar o erotismo patológico.

A atenção com que o publicista "brummer" seguia o movimento literário de língua alemã pode ser aferida pelo fato de ter compreendido, muito cedo, a importância das *Galizische Geschichten*, de Sacher-Masoch, como introdutores do amor doentio na ficção de língua alemã. Aliás, Koseritz entrou em contato com Sacher-Masoch, corresponderam-se, e obteve autorização para traduzir algumas das suas novelas, que então causavam celeuma pela exatidão psicológica da análise, num quadro regional bem característico, como a da Galícia austríaca, habitada por uma variada mistura de povos – russos, poloneses, alemães e judeus.

O certo é que, em agosto de 1887, escrevia Koseritz o prefácio que deveria acompanhar a novela – *D. João de Coloméia*, à guisa de apresentação de uma obra até então desconhecida do nosso grande público.

Por muitos motivos, considero essas páginas uma peça essencial ao processo, que um dia deverá fazer-se, do Realismo no Brasil. Nelas, sem ocultar o seu pensamento, Koseritz coloca em termos claros o problema da nova escola. Vale a pena, por isso, reproduzir algumas idéias que nesse prefácio aparecem corajosamente enunciadas. A crítica brasileira, antes dessa data, raramente atingira a objetividade ali demonstrada por Koseritz.

Senão, vejamos como êle caracterizava o seu tempo: "Estamos numa época de transição literária: o realismo declarou guerra à velha escola romântica e idealista; a fotografia literária procura desalojar a pintura idealista".¹⁰

10 - Carlos von Koseritz, prefácio à tradução da novela *D. João de Coloméia*, in J. F. Elslander, *O Cadáver*. Tradução de G. H. Pelotas, Rio Grande, Porto Alegre, Carlos Pinto & Cia., s/d.

Depois de dizer que considerava Zola um dos "benfeitores da literatura universal", anota que Sacher-Masoch tomou a si a tarefa de escrever a "história natural do homem".¹¹ Sobre a empresa que se propusera – traduzir algumas das novelas do ciclo "Herança de Caim", – afirma o seguinte: "É provável que a crítica não poupe o autor nem o tradutor, e eu acho isto muito natural, porque trata-se de um elemento inteiramente estranho ao nosso meio." E continua:

"Sacher-Masoch fotografou o povo da Pequena-Rússia com seus erros, costumes, gostos, fraquezas, vaidades, profundos instintos e paixões passageiras; não se deve pois medir aqueles caracteres pela bitola dos que abundam entre nós, nem sujeitar aquelas naturezas às regras estatuídas para a nossa".¹²

Sabe o tradutor que vai escandalizar: "Não é um elemento trivial que ofereço hoje ao público; são *pickles* bem picantes, que no princípio talvez ofendam o paladar, mas que com certeza despertarão final apetite".¹³

Mas sabe também o valor do que está traduzindo: "Sacher-Masoch está no caso de Zola e de Turgueneff; é um gigante em meio do atual epicurismo da literatura *belletruistica* (sic) e tenho prazer em apresentar ao público brasileiro êsse escritor, que é tão admirado por uns, quão odiado por outros, mas que com certeza não é vulgar, nem despido de grandioso talento".¹⁴

Tais palavras, como disse, foram escritas em 1887 e serviram de apresentação à novela *D. João de Coloméia*, uma das estórias galicianas do "Ciclo de Caim". Sabe-se, pelo que escreveu o próprio Koseritz nesse prefácio, que êle traduzira então três novelas daquele autor: *Noite de Luar*, *Vênus de Pelica* e a anteriormente citada. O bom gosto do tradutor acertou em cheio. Para a crítica moderna, *D. João de Coloméia* é a mais significativa, a mais bem travada, a mais característica das novelas escritas por Sacher-Masoch.¹⁵

11 - Veja-se a identidade de pensamento entre Koseritz e Sívio Romero. Êste diria mais tarde: "Pretendo escrever um trabalho *naturalista* sobre a história da literatura brasileira" e ainda: "...no primeiro livro [da *História da Literatura Brasileira*] indicam-se os elementos de uma história natural de nossas letras". V. autor e obra cit., Rio de Janeiro, Liv. José Olímpio Editôra, 1943, tomo I, p. 42-43.

12 - *D. João de Coloméia*, cit., p. 7-8.

13 - *Id.*, p. 8.

14 - *Id.*, p. 12.

15 - A novela *D. João de Coloméia* não chegou a ser publicada como livro autônomo; vem no fim de um volume que tem a seguinte fôlha de rosto: J. F. ELSLANDER / O CADAVER / (ESTUDO NATURALISTA) / Tradução de G. H. / EDITORES PINTOS

Em nota ao prefácio, lemos o seguinte: "As duas outras novelas a que se refere o tradutor, serão publicadas em um volume especial". Não sabemos, porém, se a promessa foi cumprida.

Por que preferiu o editor – conforme vimos na nota 15 – chamar a atenção para Elslander, deixando Sacher-Masoch escondido no fim do volume? E quem era G. H.? Teria ocultado propositadamente o nome de Koseritz, escritor conhecido, para fazer ressaltar o de um vago senhor G. H.?

Vamos por partes.

J. F. Elslander, autor belga de segunda ordem, foi um dos ultra-naturalistas mais criticados por sua crueza. Lendo *O Cadáver* em francês, o Visconde de Taunay sentiu-se revoltado: "Será, com efeito, tão repulsivo amontoado de nudezas físicas e morais, de tantos horrores e excepcionalidades o desempenho leal dessa escola pessimista e sorumbática, que tomou para divisa *in natura veritas*? Terão os casos contados a pretensão de valerem como *documentos humanos*, essas provas reais, irrecusáveis de que tanto falam e alardeiam Zola e os seus discípulos?"¹⁶

Mas esse não era o ponto de vista da "Nova Geração",¹⁷ como bem demonstrou Araripe Júnior no seu longo estudo – "*A Terra*", de *Emílio Zola*, e "*O Homem*", de *Aluísio Azevedo*, publicado no jornal *Novidades*, de 21-2 a 11-3 de 1888.¹⁸

Dando, portanto, a Elslander a honra de batizar sozinho o volume 22 da "Coleção Econômica", o editor gaúcho cedia quando nada ao apelo do gosto então dominante. Além do que, G. H. era

bem conhecido na província; desabusado, boêmio, irreverente, aquele que se escondia sob essas iniciais não era senão Germano Hasslocher. E esse "colonão" de Santa Cruz,¹⁹ deputado ao Congresso Nacional, polemista e orador destemido, gostava principalmente de escandalizar o próximo. Fôrça é reconhecer, tinha uma coragem intelectual que não recuava diante de nada. Por conseguinte, bastariam as suas iniciais na fôlha de rosto de *O Cadáver* para atrair o leitor rio-grandense. O editor procedia como bom comerciante.

Mas tôdas essas circunstâncias reforçam o que dissemos no início, com relação ao livre curso que teve no Rio Grande a literatura naturalista, antes de chegar, no país, ao seu ponto culminante, com *O Missionário*, *A Carne* e *Bom Crioulo*, três romances "negros" em nossa literatura sentimental e palavrosa.

Como quer que seja, os elementos aqui reunidos explicam que houve na fase em estudo uma espécie de guerra cultural coordenada, por parte de gaúchos e do "brummer" Koseritz, contra o sentimentalismo romântico. Motivo por que seria de perguntar-se – e a Sociedade "Partenon Literário", diante disso, como atuou coletivamente? Ora, nem tudo foi harmonia, confraternização e saraus nessa entidade, que de 1868 a 1885 centralizou a vida intelectual no Rio Grande do Sul. Ela própria viu nascer de si mesma os germes que a destruíram; Koseritz e Argimiro Galvão, inovadores arrogantes, pertenceram às suas fileiras. Mas se estas, apesar de tudo, comportaram (e daí o seu mérito) as facções mais diversas, nem por isso entre Koseritz e Apolinário, como entre Argimiro Galvão e Inácio de Vasconcelos Ferreira – apenas para exemplificar – deixou de haver abismos intransponíveis, no que diz respeito às idéias. Ao lado de suspiros românticos, ali viveram alguns representantes, ácidos e combativos, de novas correntes que começavam a inquietar o Brasil, trazendo-lhe as ondas filosóficas e literárias do mar-alto europeu.

Mas não se deram bem, êstes últimos, com os primeiros; e como eram minoria, retiraram-se. Ao mexer, porém, anos mais tarde, na

À CIA. / SUCESSORES DE CARLOS PINTO & CIA., SUCESSORES. / LIVRARIA AMERICANA / PELOTAS, PORTO ALEGRE, RIO GRANDE. // 102 pp. Com numeração autônoma, segue-se: D. JOÃO DE COLOMÉIA / POR / SACHER-MASOCH / (Vertido para o português com autorização do autor) / POR / CARLOS VON KOSERITZ - 106 pp.

O Volume traz na capa os seguintes dizeres: PREÇO 1\$000 / BIBLIOTECA ECONÔMICA / J. F. ELSLANDER / O CADAVER / (Estudo naturalista) // PINTOS & C. / Sucessores de / Carlos Pinto & C., Sucessores / PELOTAS / RIO GRANDE E / PORTO ALEGRE / E, DO RIO G. DO SUL.

Na lombada, horizontalmente: 22 - O CADAVER - 1\$000.

A capa é contornada por um desenho, em zincogravura, figurativo, característico da "Coleção Econômica". Ao centro, o nome do autor, o título e a sigla dos editores.

16 - Visconde de Taunay, *Filologia e Crítica*, cit., p. 138.

17 - Machado de Assis estabelece a existência, em 1879, de uma geração "viçosa e galharda, cheia de fervor e convicção", que "não se quer dar ao trabalho de prolongar o prazo de um dia que verdadeiramente acabou". O dia acabado é o romantismo. - V. o artigo *A Nova Geração*, in autor cit., *Crítica*, ed. Garnier, s/d.

18 - Recolhida à *Obra Crítica de Araripe Júnior*, II, Rio de Janeiro, Casa de Rui Barbosa, 1960, pp. 28-90.

19 - Germano Hasslocher nasceu em Santa Cruz, Rio Grande do Sul, em 1862 e faleceu repentinamente em Milão, Itália, em fevereiro de 1911. Representou seu Estado, pelo Partido Republicano Rio-Grandense, na Câmara dos Deputados. Advogado, jornalista, grande orador parlamentar. Escreveu: *A Verdade sobre a Revolução* [de 1893] e traduziu, além da citada novela de Elslander, dois romances de George Ohnet, *A alma de Pedro* e *Derradeiro Amor*.

abelheira de Zola e Sacher-Masoch, Carlos de Koseritz como que se vingou dos companheiros da véspera. Tentava, por essa forma, renovar o fundo romântico herdado de Alencar e transmitido por via direta à maioria dos fundadores da Sociedade "Partenon Literário".